

METODOLOGIAS ATIVAS E RECURSOS DE EAD: SERÃO 10 ANOS SEM MUDANÇAS?

Thaís Lari Braga Cilli

thais.cilli@cps.sp.gov.br

CEETEPS, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, CPS

Fábio Gomes da Silva

fbigsilva@gmail.com

CEETEPS, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, CPS

RESUMO

Vincular metodologias ativas com tecnologia ou internet é algo frequente. Mesmo cientes de que não há obrigatoriedade nisso, o fato é que recursos digitais podem vir a auxiliar ou até mesmo a viabilizar uma metodologia ativa. Por este motivo, foi resgatada uma coleta de dados de 2013 sobre os recursos de EaD (Educação a distância) para entender alguns problemas que eram encontrados nesta modalidade e que passados aproximadamente dez anos da primeira pesquisa, continuam atuais. Foi mapeado em linhas gerais a trajetória da EaD, os principais recursos utilizados e demonstrado como solução para resgatar o caráter inovador do ensino não-presencial a aplicação da visão de um designer instrucional, auxiliando desta forma o professor que busca utilizar recursos digitais para metodologias ativas. Tentando encontrar soluções para as principais queixas dos participantes, foi elaborada uma lista de recursos as quais possuem um pouco desta visão de designer instrucional e podem ser utilizadas na elaboração de um material didático visualmente qualificado e interessante, condizente com o material gerado pelo professor.

Palavras-chave: EaD, Design Instrucional, Virtual.

INTRODUÇÃO

Com a popularização do ensino a distância, certas ideias e inovações alcançaram tal projeção que permitiram que essa nova modalidade de estudo viabilizasse uma verdadeira revolução na forma de aprender e ensinar. Contudo, os conceitos inovadores que impulsionaram a disseminação da EaD vêm sendo esquecidos. Embora a tecnologia avance, os cursos e aulas à distância na modalidade online parecem assumir feições cada vez mais retrógradadas.

Para conhecer as expectativas e resultados dos alunos que já passaram pela experiência de uma disciplina ou curso completo a distância, foi elaborado um questionário com 8 perguntas, todas de resposta obrigatória. O questionário foi disponibilizado para um pequeno número de voluntários que também receberam a tarefa facultativa de repassar o mesmo questionário digital a outros possíveis interessados. Sendo assim, todos os entrevistados cumpriram os requisitos mínimos para sua realização (já ter cursado pelo menos um curso na modalidade a distância) e responderam ao teste por livre iniciativa.



A proposta para auxiliar no desenvolvimento de materiais didáticos e, conseqüentemente, no aprimoramento da qualidade do material para ser utilizado em qualquer metodologia ativa é trazer um pouco da forma com que o designer trabalha, pois mesmo o professor que não é designer pode trabalhar como um:

O termo "Design" se refere a um potencial ao qual cada um tem acesso e que se manifesta na invenção de novas práticas da vida cotidiana. Cada um pode chegar a ser designer no seu campo de ação. E sempre deve se indicar o campo, o objeto da atividade projetual. Um empresário ou dirigente de empresa que organiza a companhia de uma maneira nova faz design sem sabê-lo. Um analista de sistemas que concebe um procedimento para reduzir o desvio de malas no tráfego aéreo faz design. Um geneticista que desenvolve um novo tipo de maçã, resistente a influências externas, faz design. (...) Design é uma atividade fundamental, como ramificações capilares em todas as atividades humanas; por isso, nenhuma profissão pode pretender ter o monopólio do design. (BONSIEPE, 2017, p15)

REFERENCIAL TEÓRICO

Breve tratamento histórico

EaD não é sinônimo de curso por computador ou pela internet. Tanto é que existem outras modalidades, como os cursos por correspondência, televisão ou mesmo por radiotransmissão. A característica fundamental da educação a distância, como o próprio nome diz, é a busca por estabelecer um processo de aprendizagem não presencial, isto é, uma forma de aula na qual aluno e professor não compartilham um mesmo espaço físico de ensino-aprendizagem.

Portanto, primeiramente é importante esclarecer as possíveis relações entre EaD e o que se pode chamar de "ensino virtual". A definição de virtual, segundo o dicionário:

Como aquilo que não existe como realidade, mas sim como potência ou faculdade;

Que equivale a outro, podendo fazer às vezes deste, em virtude ou atividade;

Que é suscetível de exercer-se embora não esteja em exercício potencial;

(Michaelis, 1998)

Assim, pode-se presumir que toda educação a distância é virtual na medida em que professor e aluno, embora não compartilhem do mesmo espaço, estejam cada um a seu tempo disponíveis, independente de internet. Pierre Levy (1996) afirma que o virtual precisa de um suporte real para acontecer, seja um computador, uma televisão ou um papel. Portanto, todas as modalidades de EaD são virtuais.

O caminho que a EaD percorreu até os dias de hoje é extenso e variado. É possível encontrar referências estrangeiras ao ensino não presencial desde o século XVII, como quando um professor enviava cartas a seus alunos. No Brasil, a EaD tem início com o oferecimento de aulas particulares por correspondência por volta de 1900. Mais adiante, alguns cursos passaram a ganhar alunos não-



presenciais por meio das ondas de rádio, mas esta iniciativa foi pouco explorada. (Linha do tempo ilustrada sobre a EaD, 2013)

Com as escolas de educação a distância, temos início em 1939 pelo Instituto Monitor, então chamado de Instituto Radiotécnico Monitor. Fundado por Goldberger, recebeu da Hungria a experiência de um ensino por meio de trocas de correspondências. O novo estilo de curso funcionou tão bem que até hoje, em 2022, o Instituto Monitor ainda oferece dezenas de cursos baseados no mesmo método (História do Instituto Monitor, 2022). Outros institutos surgiram logo em seguida, com modelos praticamente idênticos: o Instituto Universal Brasileiro e o Instituto Padre Reus. Todos seguem a mesma forma de ensinar: um material composto por apostilas, que são enviadas para o aluno acompanhadas de kits práticos à guisa de exercícios.

Em 1978, a Fundação Roberto Marinho lançou cursos voltados ao Ensino Fundamental e Médio, o Telecurso. O conteúdo era transmitido por meio das transmissões, em horários predeterminados; isto é, aulas gravadas em estúdio. O aluno acompanhava com as apostilas que ele mesmo comprava nas bancas de jornal. Ficava a cargo da Administração Pública aplicar as avaliações. Para ampliar essa forma de ensino, foi criada a Metodologia Telessala. Esse método se servia de salas de aula montada em espaços públicos: igrejas, associações, escolas públicas etc. equipadas com TV, videocassete, DVD, livros, mapas, materiais didáticos variados e um instrutor para auxiliar no manuseio dos equipamentos e nas atividades práticas propostas pelo vídeo. (História do Telecurso, 2022)

A grande popularização da EaD aconteceu já na década de 1990, quando começaram a aparecer cursos em CD-ROM, oferecidos em fascículos que acompanhavam revistas que eram vendidas nas bancas de jornais. Lojas de informática vendiam boxes com cursos em CD-ROM e outros varejistas ofereciam cursos em fitas VHS. Na década de 2000 a internet foi se tornando mais acessível, substituindo gradativamente esses sistemas que agregavam ao curso certa materialidade de produto que poderia ser adquirido – atrelado, portanto, a um modelo de negócio. A partir de então certas instituições começaram a investir mais e mais em cursos online.

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM E COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS

As primeiras iniciativas em EaD idealizavam levar conhecimento a pessoas que não poderiam ter acesso físico às estruturas existentes de ensino e, no sentido inverso, para que o professor conseguisse alcançar esses públicos. Em suma, expandir as fronteiras que limitam os esforços do processo de ensino. "Em geral, os alunos que optam por fazer um curso online não tem tempo para se locomover", afirma Maia. (2000, p. 19).

Gutiérrez (1994, p. 12) complementa citando algumas vantagens da EaD:

Massividade espacial;



- Menor custo por estudante;
- População escolar diversificada;
- Individualização da aprendizagem;
- Quantidade sem diminuição da qualidade;
- Autodisciplina de estudo.

Uma grande preocupação, segundo Maia, é não tentar transportar o ensino presencial para a EaD, como se fosse uma simples tradução de plataforma:

O professor tem que planejar muito bem seu curso, e de uma forma totalmente diferente do que foi pensado para o formato vertical, padrão do ensino presencial. Também, não adianta querer transpor um determinado livro ou apostila, que tenha publicado, para o formato online. (...) esse conteúdo deverá estar disposto para ser atraente o suficiente e prender a atenção do aluno durante o curso. (MAIA, 2000, p. 20)

Com a popularização da internet, o curso por correspondência e o curso por televisão deixaram de ser novidade. A internet, num processo de expansão acelerado, abre caminhos de pesquisas promissoras. Sendo assim, é possível proporcionar uma variedade de materiais didáticos que se apropriem dessas possibilidades tecnológicas ou, pelo menos, que seja diferente das metodologias encontradas normalmente no ensino presencial.

EAD ONLINE E “OFFLINE”

A EaD, conforme a sua própria história demonstrou, não está necessariamente vinculado à utilização de internet. Na modalidade online, cursos e aulas funcionam por meio de sites nos quais se encontram materiais didáticos e ferramentas de comunicação por meio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Podemos considerar “offline” todas as outras modalidades que não precisam de internet, inclusive a EaD que necessita de um computador ou smartphone como no caso de curso por CD-ROM ou aqueles que precisam da internet somente para serem instalados no smartphone.

O MATERIAL DIDÁTICO

Com o fácil acesso a um computador e à internet, a produção do material costuma ficar sob a responsabilidade do professor conteudista, isto é, aquele que organiza e elabora o conteúdo do curso ou aula. A presença do conhecimento de base tecnológica é fundamental para o desenvolvimento destes materiais. Não incluir a possibilidade de se pesquisar novas tecnologias costuma resultar numa aplicação limitada diante das possibilidades de intervenção, limitando-se pelo uso de ferramentas conhecidas e descartando-se outras que poderiam permitir a elaboração de um material didático interessante e inovador.

Alguns dos tipos de material didático populares são:



Apostila em PDF: texto redigido em softwares de edição de texto, como Microsoft Word, geralmente seguindo formatação ABNT. Ocasionalmente é inserido uma imagem ilustrativa, sem o objetivo de complementar o texto e sim, de ilustrar e tentar prender a atenção ao texto.

Apresentação: comumente utilizando software de edição de apresentações, como o Microsoft Power Point, também é centrado no texto com ilustrações. É ilusoriamente mais interessante por possuir efeitos de transição e de “cliques”, porém seus efeitos já não agradam como antes.

Vídeo: A utilização de vídeo nem sempre é sinônimo de produção de vídeo pelo professor. Muitas vezes o professor se vale de um link para um vídeo publicado por um terceiro. É também utilizado como complementação de um material textual.

Algumas formas de comunicação entre professor e aluno:

Fórum: Esta ferramenta, encontrada dentro de AVAs, tem sido bastante explorada na EaD. Alunos e professor enviam informações. Todos podem ler e responder aos tópicos e às respostas de outras pessoas. A intenção é trazer um pouco da interatividade interpessoal, permitindo a troca de informações e ideias, de modo a aprimorar o conhecimento e a troca de experiências entre alunos e professores.

E-mail: para auxiliar no aprendizado geralmente existe uma forma de contatar o professor para tirar dúvidas de forma particular. Neste caso, poucos professores têm a preocupação de informar um e-mail profissional para seus alunos, o que pode ocasionar um transtorno para o professor por não conseguir separar adequadamente os e-mails pessoais e de trabalho.

Mensagem privada por meio do AVA: similar ao e-mail, porém acontece dentro do AVA. O contato também é particular entre professor e aluno com a vantagem não ser necessário informar qualquer meio de contato pessoal.

Aplicativos de comunicação: aplicativos como WhatsApp, Telegram ou Messenger acabam sendo uma tentadora forma de comunicação pela praticidade de se acessar pelo celular, porém, a lista de desvantagens é grande: manter a disciplina de somente utilizá-lo somente em horário específico, localização de conteúdo, perturbação pelo excesso de mensagens (ou chamada de vídeo e áudio) e, particularmente no caso do WhatsApp e Messenger, a troca de contatos particulares, como número de telefone ou vínculos pelo Facebook. Principalmente no caso de troca de número de celular e, se houver um grupo de WhatsApp, todos os participantes deste grupo tem acesso ao número de todos, que pode configurar como divulgação de dados sensíveis, relatado pela LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais).

A EAD SEGUNDO OS ALUNOS



Para entender como era a percepção dos alunos em relação ao material didático da EaD foi realizada uma pesquisa em 2013 sobre a modalidade online: uma época em que a EaD estava se popularizando e o aumento de utilização digital provocado pela pandemia ainda não havia acontecido. 26 voluntários, de adesão gratuita, responderam a um breve questionário para relatar a experiência que tiveram em aprendizagem virtual. Não houve diferenciação de sexo, idade ou tipo de curso. O questionário ficou disponível para preenchimento do dia 27 de abril de 2013 até 03 de junho 2013.

As perguntas foram:

1. Onde você vivenciou um ensino online? (Somente 1 opção válida)
 - a. Fiz um curso online;
 - b. Meu curso presencial tinha uma disciplina que era online.
2. Você gostou? (Somente 1 opção válida)
 - a. Sim;
 - b. Não;
 - c. Mais ou menos.
3. De acordo com a sua experiência, se você pudesse escolher entre fazer um curso presencial ou online, qual você escolheria? Imagine que não há diferença entre preços e que tempo não seria problema. (Somente 1 opção válida)
 - a. Online é melhor;
 - b. Presencial, isto é, numa escola convencional, é melhor.
4. Como o curso ensinava? (Múltipla escolha)

Material para ler, somente texto (por meio de arquivos em .PDF, slides ou com conteúdo no próprio site);

Material para ler, com texto e ilustrações (por meio de arquivos em .PDF, slides ou com conteúdo no próprio site);

Vídeos gravados - como num canal de YouTube

Vídeo ao vivo

Chat - sala de bate papo ao vivo

Áudio

Animação - somente assistir animação, como se fosse um vídeo

Animação controlada - você precisava clicar em algumas coisas para continuar vendo o conteúdo



Animação interativa - você precisava clicar para interagir com o conteúdo, escolhendo como o conteúdo seria mostrado, ou escolhendo o rumo do conteúdo

Outros

5. O que você gostou no curso ou disciplina online? (pergunta aberta)
6. O que você não gostou no curso ou disciplina online? (pergunta aberta)
7. Tem alguma sugestão para melhorar o ensino online? (pergunta aberta)
8. Se um amigo fosse fazer um curso online e pedisse sua opinião, qual seria? (Somente

1 opção válida)

- a. Não vale a pena fazer online;
- b. Só faça online se não tiver outro jeito;
- c. Faça! É uma ótima experiência.

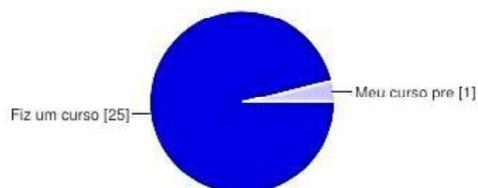
O objetivo do questionário foi entender até que ponto o aluno que procurava um educação a distância conseguia transpor as fronteiras da modalidade, de modo a usufruírem dos benefícios desta modalidade sem necessariamente experimentar limitações diante dos desafios impostos pelos modelos preexistentes.

RESULTADOS OBTIDOS

Adiante serão analisadas as respostas obtidas pelos participantes. Para manter a confidencialidade da identidade, esses serão apresentados como E1, E2, E3 e assim por diante.

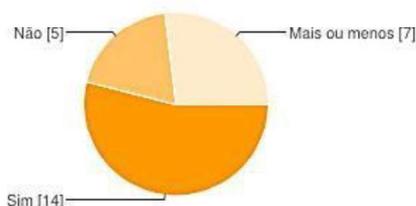
É interessante observar que apesar de 54% afirmarem que gostaram de ter realizado um curso ou aula online, 77% preferiam a modalidade presencial:

Onde você vivenciou um ensino on-line?



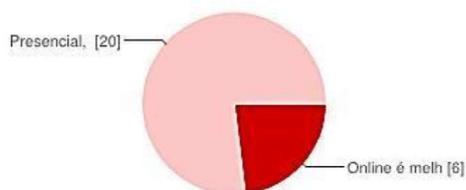
Fiz um curso online	25	96%
Meu curso presencial tinha uma disciplina que era online	1	4%

Você gostou?



Sim	14	54%
Não	5	19%
Mais ou menos	7	27%

De acordo com a sua experiência, se você pudesse escolher entre fazer um curso presencial ou online, qual você escolheria?



Online é melhor	6	23%
Presencial, isto é, numa escola convencional é melhor	20	77%

Gráfico 1 - Questionário sobre satisfação com a EaD Fonte: Pesquisa realizada pela autora

Muitos cursos de EaD são formatados somente em apostila de texto e, às vezes, sem imagens. Uma apostila com texto e sem imagens remete ao sistema de aula presencial em seu momento mais passivo: somente o professor falando e os alunos em silêncio, ouvindo. Em outros casos são utilizadas imagens com o objetivo de ilustrar e não existe a preocupação de complementar o conteúdo. Gutiérrez selecionou os aspectos relevantes sobre o que se atentar ao elaborar um material didático. Ele cita sobre a preocupação da imagem: "Revisar se os suportes selecionados permitem um enriquecimento do tema, do ponto de vista de seu valor educativo; e evitar a todo custo os suportes estereotipados". (GUTIÉRREZ, 1994, p. 125)

Um dos entrevistados, comentou sobre esse assunto no questionário:

Os [cursos virtuais] que não consegui fazer até o final ou tinham leituras demais (o que foi difícil de conciliar com minha rotina), ou só tinham uma avaliação final, ou tinha um material 'pseudointerativo', com animações um pouco cansativas. (E1)

Um aspecto que sempre é relacionado à EaD é o fato de que o aluno que procura um curso virtual muitas vezes é por não dispor de meios para frequentar presencialmente. Se o problema é tempo, o aluno tem dificuldades em criar uma rotina de estudo autônomo. Outro fato relevante dos



cursos online é que o aluno não é responsável verdadeiramente do próprio tempo, pois existe um cronograma obrigatório a seguir, arraigado à uma visão na qual o ensino se potencializa num intervalo e depende da atenção do professor. Se existe a premissa de se utilizar alguma metodologia ativa, o aprendizado deve ser protagonizado pelo aluno, não pelo professor, mas a autonomia dele é limitada se existem datas específicas para que ele obtenha o conteúdo.

Em resposta à pergunta "O que você gostou no curso virtual?", a resposta de um participante corrobora com a importância da autonomia de cronograma do aluno:

O conforto e a praticidade, além da liberdade de organizar o cumprimento das tarefas de acordo com seu tempo disponível em relação à data final de entrega. Ou seja, pode-se realizar todos os exercícios no mesmo dia ou fazê-los aos poucos, só depende da disponibilidade do aluno. (E2)

Dez alunos também enfatizaram a facilidade de fazer em qualquer horário e isso demonstra o impacto de uma restrição de acesso aos alunos pode causar.

O aspecto do tempo leva à individualização do aprendizado, o que não é sempre levada em consideração. Gutiérrez (1994) aponta que o estudante de ritmo rápido pode render acima da média e um estudante lento pode avançar na velocidade que seja capaz, sem ter a sensação de sua diferença com os outros estudantes. O autor complementa dizendo que essa possibilidade não tem sido suficientemente explorada porque muitos dirigentes, por terem vindo do ensino presencial, não conseguiram ainda se desprender das estruturas mentais nem dos condicionamentos administrativos.

Outro item crítico da EaD foi relacionado com o distanciamento entre aluno e professor, conforme pode ser observado no relato:

Nem sempre o conteúdo está totalmente direcionado às nossas expectativas. Com isso é necessário adaptar-se ao que está sendo apresentado. No curso presencial a interação com o professor / palestrante permite, até certo ponto, direcionar o foco de estudo para o que mais nos interessa. (E3)

O fato do aluno se sentir sozinho no momento da aprendizagem pode ser negativo, dependendo de como isso for trabalhado. Alguns comentários sobre este aspecto:

Não há pessoas ao seu lado aprendendo junto para você poder discutir os assuntos, comparar seu nível, etc. (E4)

Falta de interação com outros alunos e a troca de experiências que as aulas presenciais propiciam. (E5).

Outros seis alunos comentaram como esse isolamento pode ser negativo. É comum haver fórum de dúvidas nos cursos para os alunos interagirem, mas isso nem sempre acontece de forma produtiva. Os entrevistados confirmaram essa hipótese em comentários que relatam os problemas que enfrentaram:



A matéria em questão foi filosofia, e eu considerei o método online uma péssima forma de lecioná-la. Afinal, o cerne da filosofia é o confronto de ideias e, mesmo nos chats de discussão, as discussões eram longos textos vazios – no que diz respeito ao conteúdo, e as ideias se confrontavam de forma não construtiva. O professor tentava manter o foco das discussões, mas ao longo das postagens o tema era, invariavelmente, abandonado. (E2)

Algumas discussões são mais produtivas presencialmente. Por vezes é mais fácil e claro nos expressarmos pela fala e pelos gestos. Além disso, apenas fazemos nossas tarefas e não temos muito interesse em conhecer a do outro. A troca é comprometida. (E14)

A ideia de assimilar a EaD com tecnologia também exige cuidado. Exigir de um aluno certas tecnologias para que ele realize uma tarefa pode igualmente atrapalhar o aprendizado. É importante conhecer o nível de letramento digital do seu público para poder oferecer e solicitar materiais de acordo. Conforme explica Cilli, “Letramento digital significa ter habilidade suficiente, não só para lidar com a tecnologia, mas também para raciocinar com os recursos e ferramentas digitais” (2021, p5). E complementa: “A identificação do nível de letramento digital quanto ao seu próprio letramento e o entendimento sobre o nível de letramento de sua sala de aula colabora para uma correta escolha de recurso digital, adequado para ambos.” (2021, p5).

Algumas dificuldades relatadas a cerca desse quesito:

Ter como tarefa fazer algo que não havia capacitação. Exemplo: enviar um arquivo em PDF, ou som, ou vídeo e não ter instalado na máquina os aplicativos instalados... (E6)

Problemas técnicos são fatores que infelizmente temos que levar em consideração ao fazer um curso ou disciplina online. (E7)

Dependência de equipamentos específicos (Internet boa, computador ok, etc.). (E8)

Mesmo dispondo de ambientes de discussão, esses não são nada "amigáveis" na utilização. (E3)

Outro problema relatado no questionário foi a falta de contato com o professor e dificuldade em sanar dúvidas. Apesar de existirem ferramentas para comunicação com o professor, o aluno espera uma resposta mais rápida, ou até mesmo imediata, como acontece num curso presencial. O tempo é um fator delicado para os alunos que procuram a EaD; se uma resposta leva tempo ou até mesmo se é necessária a resposta para continuar a compreensão do material didático, isso pode inviabilizar a agenda do aluno. Alguns relatos sobre os problemas de comunicação:

Proximidade com o professor só existe por e-mail ou via chat. Às vezes a dúvida só é resolvida no dia seguinte. (E9)

Falta de contato com a professora. (E10)

Apesar do material estar todo disponível e poder ser explorado no ritmo de cada aluno, não há muita interatividade com os professores e algumas dúvidas acabaram não esclarecidas. (E11) Dificuldade em tirar dúvidas. (E12)

Um conteúdo pode ser ótimo e ainda sim ser malfeito visualmente, ou o conteúdo pode ser mediano, mas ter um visual atraente. O que será o cerne da discussão agora é somente o aspecto visual.



Como demonstrado anteriormente, o que pode ser vivenciado em muitas instituições de ensino é um professor conteudista que gera o próprio material didático, elaborando o conteúdo e o visual. O ideal é o trabalho de equipe, em que este professor se concentre na qualidade do conteúdo do material didático, permitindo o projeto de como este conteúdo será mostrado a cargo de um Designer Instrucional, que é o profissional apto para tal tarefa. Isso nem sempre acontece: ou por desinteresse da instituição em contratar um segundo funcionário ou por mero desconhecimento da realidade do mercado de EaD.

Quando o designer instrucional não trabalha com o professor conteudista, alguns entraves podem aparecer. Por dispor de menos tempo e conhecimento das ferramentas de produção e filosofias / faculdades / competências envolvidas a serem aplicadas na formação do material didático, o conteúdo em si, desenvolvido somente pelo professor conteudista, pode ser prejudicado e o aluno percebe, conforme o relato: "material mal elaborado, com erros de português, falhas em concordância, em raciocínio e mesmo de conteúdo". (E13)

A importância do designer está, em grande parte, relacionada à sua formação, direcionada a atrair e conduzir o olhar interessado do aluno observador. São técnicas embasadas em uma série de conhecimentos, como a teoria das cores, teoria das formas, psicologia Gestalt, entre outros. Esse profissional também pode estar apto a elaborar conteúdo dinâmico, edição de vídeos e áudios etc. Um dos participantes sugeriu, inclusive: "contratar bons cientistas como fontes e uma boa equipe de produção". (E13). Este outro comentário corrobora com a necessidade de se ter um cuidado visual apurado:

Os [cursos] que não consegui fazer até o final tinham leituras demais (...) o material tem que ser mais bem editado e interessante - caso contrário o aluno acaba dispersando. (E1)

Um outro problema citado pelos participante foi a falta de interação entre professor e alunos. Os participantes sugeriram a inclusão de reunião virtual para tentar solucionar:

Creio que com possibilidade de maior interação entre os participantes e aulas com streaming possamos [ob]ter quase [que] o mesmo nível [de interesse que o das] (...) aulas presenciais e online. (E7)

Penso que depende muito do que vai ensinar, mas acho que videoconferência é uma boa ferramenta. (E14)

DIFICULDADES ENCONTRADAS E PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

Com a percepção da limitação de recursos que se utilizam na EaD, faz-se necessário elencar os recursos didáticos digitais e analisar a viabilidade de aplicação daqueles cujo potencial não tem sido aproveitado e que, postos em prática, podem ampliar as possibilidades de ensino, atingindo melhores resultados e proporcionando assim melhores resultados.

PROPOSTA DE RECURSOS DIDÁTICOS

O designer instrucional é o profissional apto a entender o conteúdo para elaborar o material didático fisicamente da melhor forma possível, buscando sempre captar a atenção por meio do interesse visual. Como nem sempre é viável contar com a colaboração deste profissional, alguns sites e aplicativos oferecem mecanismos para que qualquer pessoa possa tentar desenvolver o seu próprio material didático com recursos diferenciados.

Os recursos didáticos podem ser vistos dentro de AVAs, porém nada impede que o professor utilize fora dele. Não serão citados nomes de sites ou aplicativos, mas sim as funcionalidades que podem ser buscadas em diversos lugares, gratuitos ou pagos, e sempre surgirão novas propostas:

Apresentação interativa: diferente da apresentação de slides, uma apresentação pode oferecer uma experiência inovadora em que ele precisa clicar em lugares definidos para poder executar áudios e vídeos no mesmo ambiente, ou até mesmo ir para slides diferentes de acordo com o local em que se foi clicado. Por exemplo, uma apresentação com uma pergunta de “sim” e “não”, sendo que se o aluno clicar em sim ele será direcionado para o slide 2 mas se ele clicar em não será direcionado para o slide 3.

Animação: É possível demonstrar conteúdo por meio de animação. Vários sites e aplicativos oferecem mini animações prontas para que se monte a própria animação, com música de fundo, personagem e efeitos visuais.

Mini vídeos: quando se pensa em vídeo, pensa-se em gravações de vários minutos. Muitas vezes, é muito mais fácil explicar um conceito falando do que escrevendo. Não há necessidade de se ter receita de mini vídeos, de alguns segundos, que bastam para explicar ou mostrar o que se deseja. Aliás, vários mini vídeos fornecem uma forma de se encontrar o conteúdo que se deseja, muito melhor do que um grande vídeo de 30 minutos.

Reunião virtual: a reunião virtual acabou se tornando a sala de aula de muitas instituições de ensino durante o período crítico da pandemia enfrentada pelo mundo em 2020. Os alunos e o professores estão, ao vivo, conversando e se vendo. Esse recurso pode ser extremamente útil quando se deseja trazer um palestrante que está distante ou até mesmo para um intercâmbio virtual entre alunos de outra instituição. Outra proposta para a reunião virtual é realizar visitas virtuais, com o palestrante mostrando por meio de sua câmera, o local em que trabalha, por exemplo.

Quadrinhos: quadrinhos, tirinha, HQ. A história contada por desenho sequencial é possível de ser desenvolvida com auxílio de sites específicos, que fornecem personagens com diversas posições de corpo, de expressões faciais, de roupas, e todos os elementos necessários para se clicar e arrastar para formar uma história em quadrinhos personalizada.

Infográficos: a diferença entre ilustração e infográfico é que a ilustração, como o próprio nome diz, somente ilustra, enfeita, no máximo exemplifica alguma coisa. O infográfico fornece informações no formato de imagem, com o objetivo de aumentar o entendimento. Um exemplo claro de infográfico é imaginar que se precisa dizer a porcentagem de votos de cada região do país: o infográfico poderia ser o desenho do mapa do Brasil com as regiões demarcadas e a porcentagem ser descrita em cima de cada região.

Mapa mental: similar a um fluxograma, o mapa mental permite que se planifique conceitos, exibindo a conexão entre eles visualmente. É uma forma interessante para mostrar como que o conteúdo explicado está conectado a outros ou até mesmo como um resumo da aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama de como o material didático utilizados em EaD não coincide com a imensa oferta de recursos disponíveis. O que geralmente é utilizado trata-se de um frustrante passeio por um porão de apostilas virtuais e exigências cronológicas sem sentido, mais preocupadas com o sucesso do professor do que com o avanço integral, ininterrupto, diversificado, fragmentado, amplo e complexo do aluno. Podemos ver no gráfico abaixo como os recursos foram e ainda são subaproveitados:

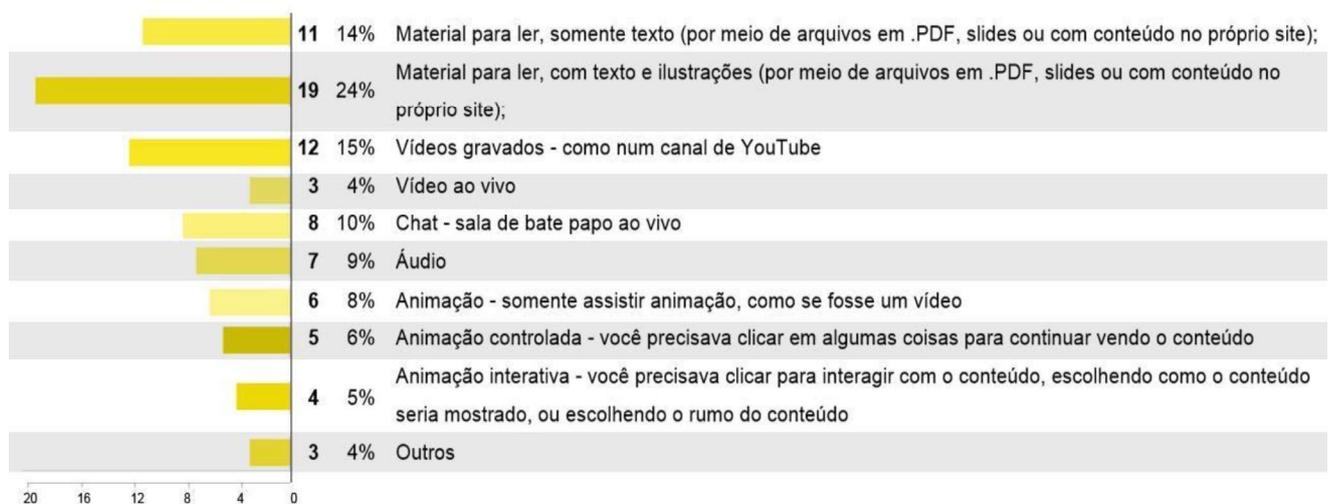


Gráfico 2 - Questionário sobre satisfação com a EaD

Fonte: Pesquisa realizada pela autora

Utilizando-se da preocupação, como a que um designer instrucional teria, novas possibilidades se abririam para criação de um material didático interativo e focado no interesse do aluno, de modo a despertar nele o interesse de aprender e concluir o curso.

Apesar dos problemas encontrados nos sistemas de EaD atuais, o levantamento de dados de 2013 apontou uma grande parcela de aprovação:

Se um amigo fosse fazer um curso online e pedisse sua opinião, qual seria?



Gráfico 3 - Questionário sobre satisfação com a EaD

Fonte: Pesquisa realizada pela autora

Entre os 26 entrevistados, somente um gostou integralmente do curso virtual realizado, não achando necessário nenhuma alteração.

Em resumo, os problemas relatados pelos alunos foram a falta de uma ágil comunicação com o professor e materiais didáticos sem o devido cuidado no design. Os cursos EaD estão similares a um livro ao invés de serem uma interessante experiência no mundo virtual com utilização de recursos tecnológicos. 38% dos entrevistados citaram como forma de ensino as apostilas e somente 5% tiveram acesso a um material interativo. Os alunos não estão satisfeitos integralmente e por isso 77% dos entrevistados preferem curso presencial e 43% não recomendam esta forma de aprendizado.

As metodologias ativas podem se utilizar da experiência dos cursos em EaD para evitar os mesmos equívocos quando se trata de utilização de recursos digitais e aperfeiçoar seus materiais didáticos se utilizando de recursos que tentam corroborar com a visão de um designer. Os dados coletados foram de 2013, isto é, nove anos atrás. Será que ano que vem será possível realizar uma publicação mostrando uma evolução nesses dez anos ou será comprovado que pouco se avançou em todo esse tempo? Ainda temos 1 ano para tentar mudar o curso da história.

REFERÊNCIAS

BONSIEPE, G. Design: do material ao digital. [Tradução de Cláudio Dutra]. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997. 192 p

CILLI, T. L., DOMICIANO, C. L. (2021). Letramento digital: competências digitais necessárias e ferramentas de diagnóstico aplicadas à formação docente. Revista CBTeCLE, 1. Disponível em : <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTeCLE/issue/view/v.1%2Cn.1%282021%29>. Acesso em 20 ago. 2022

GUTIÉRREZ, Francisco. A mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 1994

LEVY, Pierre. O que é o virtual? Editora 34, 2003. 157.p

MAIA, Carmem. Educação a distância no Brasil na era da Internet. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000. 136p

História do Instituto Monitor. Disponível em: <www.institutomonitor.com.br> Acesso em: 11 jun. 2022.



História do Telecurso. Disponível em: <www.telecurso.org.br> Acesso em: 11 jun. 2022.

Linha do tempo ilustrada sobre a EaD. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/infograficos/2012/07/16/ensino-a-distancia-existe-nobrasil-ha-mais-de-um-seculo-conheca-a-historia.htm>> Acesso em: 11 jun. 2013.